
Entre Literatura e Política: o jovem Fernando Pessoa e os seus descontentes

Between literature and politics: the young Fernando Pessoa and his discontents

Marcelo Alves da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

DOI

<https://doi.org/10.37508/rcl.2025.n54a1362>

RESUMO

Neste texto, damos atenção aos mecanismos de cancelamento utilizados pela atuação pública do jovem Fernando Pessoa (1888-1935), nos ensaios “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (1912a) e “Reincidindo...” (1912b), presentes em *A Águia*; e pelos textos não publicados em vida do heterônimo Jean Seul de Méluret, “Des cas d’exhibitionisme”, “La France en 1950” e “Messieurs les souteneurs”. A partir de uma revisão sobre os fundamentos da cultura do cancelamento, notamos que o ensaísmo de Pessoa no veículo saudosista ajusta o contrato social, permitindo-lhe deslocar dos ajuizamentos puramente literários às insurgências sobre alguns expoentes da Primeira República portuguesa. Méluret, por sua vez, é a *persona* dotada de procedimentos imagéticos, vazados de moralidade, que se responsabiliza por detratar manifestações culturais da *Belle Époque* francesa.

PALAVRAS-CHAVE: Fernando Pessoa; Jean Seul de Méluret; Modernismo português; Ensaísmo; Cancelamento.

ABSTRACT

In this text, we focus on the mechanisms of cancellation employed in the public writings of the young Fernando Pessoa (1888–1935), particularly in the essays “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (1912a) and “Reincidindo...” (1912b), published in *A Águia*, as well as in the unpublished works of his heteronym Jean Seul de Méluret, namely “Des cas d’exhibitionisme”, “La France en 1950”, and “Messieurs les souteneurs”. Through a review of the foundations of cancel culture, we observe that Pessoa’s essays in the saudosista journal recalibrate the social contract, allowing him to shift from purely literary judgments to critiques of certain figures of the First Portuguese Republic. Méluret, in turn, assumes the *persona* of an observer equipped with morally charged imagery, taking on the role of denouncing cultural manifestations of the French *Belle Époque*.

KEYWORDS: Fernando Pessoa; Jean Seul de Méluret; Portuguese Modernism; Essayism; Cancellation.

Fernando Pessoa (1888-1935) foi, sem dúvidas, um dos maiores escritores da Literatura Portuguesa da primeira metade do século XX. Muitas são as razões que poderíamos listar para justificar essa afirmação: note-se, em primeiro lugar, o heteronimismo¹, responsável

¹ Utilizamos a palavra *heteronimismo* porque, nas últimas duas décadas, os empreendimentos editoriais dedicados à obra de Fernando Pessoa, sobretudo os assinados por Jerónimo Pizarro, revelaram-nos que a constelação heteronímica não esteve estabilizada: heterônimos e *personas* literárias, ao longo da trajetória intelectual de Fernando Pessoa, foram constantemente reformulados até o fim da vida do poeta. As variadas edições populares e críticas dos heterônimos pessoanos contribuíram, com diferentes lições, para que estes fossem fruídos de múltiplas formas. Por fim, lembremos que na famosa “Carta de apresentação e gênese dos heterônimos”, epístola enviada por Pessoa a Adolfo Casais Monteiro (e publicada postumamente no número 49 da *Presença*), Pessoa assim se refere a este fenômeno literário: “Isso explica, tant bien que mal, a origem organica do meu heteronymismo” (Pessoa, 1998 [1937]).

por entregar aos leitores, contemporâneos e extemporâneos, uma centena de figuras poéticas com identidade, biografia e estilos literários próprios. Nessa constelação, lembremos, protagonizam os nomes de Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis, Bernardo Soares, Vicente Guedes e tantos outros.

Sinalizemos, em segundo, uma proeminente reflexão poética sobre o caráter fragmentário da categoria sujeito no seio da modernidade, pensamento este derivado tanto do processo heteronímico em si quanto da observação atenta às hostis nuances do seu tempo histórico. Afinal, em se tratando de um poeta da primeira metade do século XX, Pessoa esteve atento às transformações político-culturais num mundo recém-globalizado, em que as conquistas tecnológicas concorriam com formas autoritárias do exercício do poder, tais como o fascismo, o nazismo e, no caso português, o Estado Novo e o salazarismo.

Em terceiro lugar, a fundação de um projeto poético cerebral, ou seja, em que há o protagonismo do conflito incessante entre o desejo de conhecimento e o predomínio das emoções, do instinto, concentra-se em toda a obra poética pessoana, especialmente a de clave ortônima.

A persistência na mobilização de intelectuais e poetas lusitanos em prol de alicerçar e difundir as bases do modernismo português, a saber, em uma intensa colaboração pública testemunhada em revistas literárias – como *A Águia*, *A Renascença*, *Portugal Futurista*, *Orpheu*, *Athena*, *Contemporânea* e *Presença* –, é, acreditamos, o legado profundamente agônico de Fernando Pessoa, no sentido mais etimológico do termo.

O adjetivo “agônico” vem do grego antigo ἀγών (agón). Significa, nesse sentido, reunião ou assembleia. Sua raiz, “ἀγ”, está presente em palavras como ἀγ.θεῖος (lugar do Olimpo onde se reúnem os deuses,

(*Il.*, 18, 376) e ἀγῶνα (reunião para os jogos públicos, (*Il.*, 23, 258))². É natural, portanto, que vejamos a produção poética e intelectual de Fernando Pessoa, ainda que tenha sido breve, como uma forma de intervenção, engajada com os ditames da cultura de seu tempo.

Fernando Zarpelon (2021), em seu estudo sobre alguns fenômenos políticos do Brasil do século XXI, traz notas sobre a cultura do cancelamento, que achamos importante recuperar. Ao observarmos que a cultura é constituída por um tecido simbólico vivo, as versões mítico-narrativas que passam por ela tentam dar conta do registro social dos fatos históricos, vestindo, digamos assim, o vácuo do real com um simbólico que faz borda e com um imaginário que lhe dá textura e sabor.

Os protagonistas da cultura do cancelamento, segundo Zarpelon, são constituintes daquilo que ele chama de “epopeia performática dos ‘deuses momentâneos’” (Zarpelon, 2021, p. 15). Isso significa, pois, que cada identificação social, cada capital simbólico (Bourdieu, 1989) ludificado, seja este determinado pela imprensa, seja pelas mídias sociais, busca uma especial legitimação pessoal de uma opinião, sobretudo se ela está acoplada com as informações favorecedoras de narrativas políticas, econômicas, artísticas etc.

Nos nossos dias, a cultura do cancelamento consiste em expor um fato, geralmente por meio de uma rede social. Seu impacto depende de uma reação negativa das massas, ocasião em que o indivíduo partícipe do fato pode ser rechaçado por esse público. O termo em si ganhou forças, de acordo com Alessandro da Silva (2021), a partir de

² O termo “agonia”, como sinônimo de medo e de ansiedade, vai aparecer somente em obras historiográficas como a *Guerra do Peloponeso* (7, 71), de Tucídides (460 a.C.-400 a.C.), e fragmentos históricos (4, 56, 4), de Políbio (203 a.C.-120 a.C.).

2017, quando vários casos de assédio sexual e de estupro começaram a ser expostos por diversas atrizes de Hollywood. Os denunciados, lembremos, eram todos homens, renomados diretores da indústria cinematográfica.

Como podemos notar, a cultura do cancelamento abarca a exposição pública de indivíduos, problematizando discursos, engendrando denúncias, arquitetando artefatos morais. Nesse espaço virtual, personalidades ou empresas que tenham feito algo condenável, ofensivo ou preconceituoso são objeto de debate.

Para os propósitos, contudo, desse breve estudo, importa pensar em duas dimensões: a primeira consiste em compreender que a execução do cancelamento é sempre caracterizada por seguidores, fãs, público ou massa que, em suma, encontra-se frustrada em suas expectativas. Para participar ativamente dessa *ágora*, utilizam o capital interativo para inflamar as detratações ao “cancelado”.

No cerne da segunda dimensão, o significante “cancelar” não é, no campo das disputas simbólicas, uma novidade: faz eco, a saber, em fenômenos sociais conhecidos, como o linchamento, o boicote, o ostracismo, a humilhação pública e a iconoclastia. Será interessante olhar, contudo, quais seriam os mecanismos dos arquétipos do “cancelamento” utilizados por Fernando Pessoa no clímax da sua produção intelectual, a fim de que raciocinemos melhor sobre aproximações e afastamentos com o nosso tempo histórico.

Nosso olhar perquiridor se detém, especialmente, em uma seleção de textos em prosa, nos mais diversos formatos. Como nos lembra João Rui de Sousa, em *Fotobibliografia de Fernando Pessoa: 1902-1935* (1988), o autor de *Mensagem*, em vida, tornou público por volta de 132 textos em prosa, de instância filosófica, sociopsicológica, pedagógica, crítica, ensaística e biográfica. Não nos parece, portanto, cus-

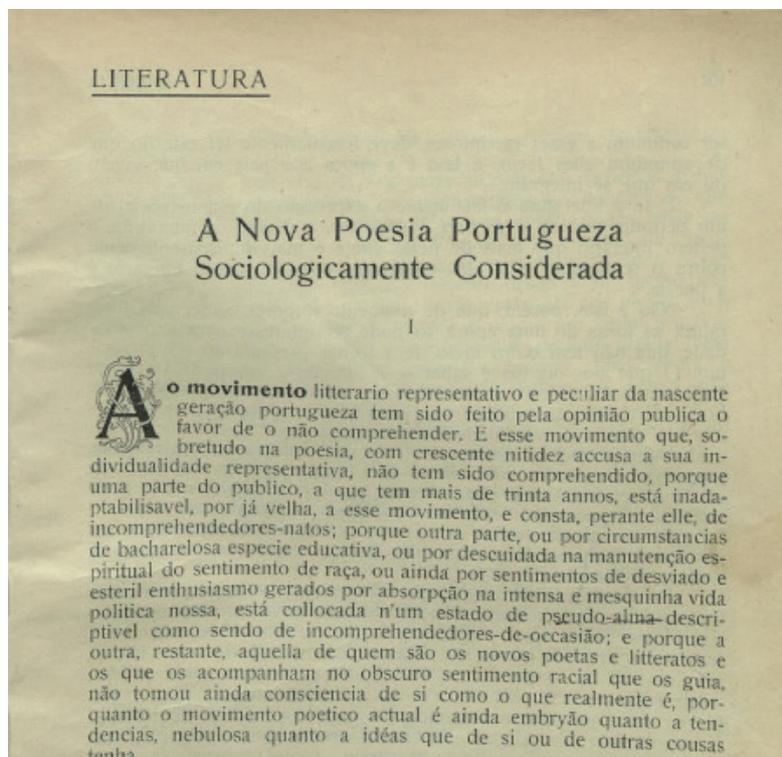
toso localizar exemplares das operações que Pessoa, ao escrever, dá conhecimento aos leitores da época.

Sejam ortônimos ou heterônimos, tais textos conseguem dimensionar o agonístico Fernando Pessoa. Se consideramos que o autor de *Cancioneiro*, por meio do seu projeto estético levado a efeito e pela interlocução com os letrados de seu tempo, esteve engajado em reformar as iniciativas artísticas de Lisboa do início do século XX, certamente teve de se posicionar (e fazer crítica) contra paradigmas poéticos, figuras representantes dos seus desafetos espirituais e até mesmo regimes políticos. Vejamos, pois, em que medida o *modus operandi* do cancelamento presente nos escritos pessoanos se caracteriza como programático. Para tal, é necessário um breve exame nos textos do jovem Pessoa publicados em *Á Águia*: “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (1912a), “Reincidindo...” (1912b) e aqueles que, não publicados em vida, sugerem-nos novas formas de encarar a inteligência pessoana no primeiro decênio do século XX.

ALGUMAS PISTAS

Na primeira parte do clássico ensaio “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (1912a) (Fig. 1), texto publicado por Pessoa na revista-estandarte da Renascença Portuguesa, *A Águia*, em abril de 1912, Pessoa faz a defesa dos seus contemporâneos, no que tange à produção poética (“nascente geração portuguesa”), atacando a opinião pública, acusando-a de não compreender o que estava surgindo em termos de matéria literária. Delineia o perfil deste público ignaro, corporifica-o, fornece-lhes feição: composto por aqueles que têm mais de trinta anos, os “inadaptabilizáveis”, velhos, de caráter bacharelesco e descuidados de nacionalismo (“sentimento de raça”). Para Pessoa, tratam-se de “incompreendores-de-ocasião”.

Figura 1 – Fac-símile da primeira página de “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada”.



Fonte: Pessoa (1912a).

Como se trata de um ensaio investigativo, ou seja, ocasião em que Pessoa quer localizar os indícios de um estágio civilizacional por meio da caracterização das manifestações literárias, é proposital que o autor de *Mensagem* teça comentários, digamos assim, diacronicamente antropológicos. Por isso, a segunda parte do ensaio, num nível macrológico, começa a tratar das civilizações gregas e romanas antigas para lançar-se em notas político-literárias sobre a Inglaterra e a França.

Pessoa, ao tratar das correlações entre “período literário” e “período político” na Inglaterra e na França, sinaliza seu desprezo pelo período neoclássico inglês, do século XVIII, acrescentando que ele comporta um tom poético intolerável, derivado da França do Anti-

go Regime. Não bastasse seu ajuizamento sobre o que é condenável na literatura inglesa, Pessoa acrescenta que o neoclassicismo inglês corresponde ao período político “absolutamente nulo e estéril para a Inglaterra” (Pessoa, 2000, p. 10). Diz ainda que:

[...] nele, ela nada criou, nem mesmo a sua própria grandeza, visto que a hegemonia social na Europa era então da França. Neste segundo período a Inglaterra não fez senão ir realizando, apática e frouxamente, o princípio do governo popular que havia criado (Pessoa, 2000, p. 10-11).

Os comentários pessoanos também são direcionados à França, enquanto instituição política e cultural. Para Pessoa, o *ancien régime* não legou nada para a civilização; que a Revolução Francesa foi prematura; e, por fim, que de 1870 para cá (entenda-se 1912), a França continua a não criar nada: “[...] realizando, apática e despiciendamente, o princípio de democracia republicana que em anterior período criara” (Pessoa, 2000, p. 12).

Na leitura daquele ensaio, fica cada vez mais evidente que, contrastando duas nações, tanto em termos culturais quanto em termos políticos, Pessoa faz ressalvas à cultura literária inglesa, ao passo que rechaça a cultura francesa. Não será a primeira vez que a França sofre interdições no seu pensamento reflexivo. Ao menos, não publicamente. Basta nos recordarmos, por exemplo, dos três textos parodísticos, assinados pelo heterônimo Jean Seul de Méluret (2006; 2017), sobre as manifestações culturais francesas, consideradas por esta *persona* poética como decadentes e degeneradas: “Des Cas d’Exhibitionisme”, “La France en 1950”, “Messieurs le Souteneurs”. Citemos alguns trechos, respectivamente presentes nos textos citados.:

La France est elle - horreur! - dans ce cas? Elle parait bien avancer à grands pas vers lui. Qu’on l’arrête dans cette route. Qu’on la retienne./Ne peut-on pas/la freiner? C’en est donc fini. Il faut, pour

le bien général, qu'elle périsse. Que fait, du reste, au monde une race sans âme, une nation sans coeur? Rien. Si en effet la France est en décadence (elle ou tout autre pays qui sera dans le même cas) -, moi, homme de l'humanité, qui comprends jusque là la nature, n'ai qu'une chose, triste et amère, à désirer: c'est que le peuple qui lui succédera vienne vite/ pour/ l'écraser. Brutal? Sans doute. Horrible? Très horrible. Triste, amer,? C'est vrai (Pessoa, 2006, p. 60)³.

Il y a des temples à des hystériques et à des prostituées, parce que ce sont là les deesses du peuple français. Les statues ont beaucoup d'amants. Beaucoup de personnes sont très religieuses. La science s'est changée en enquête sexuelle. Il y a des professeurs d'avortement et d'infanticide. On lit dans les journaux que des enfants de 4 ans se sont suicidés parce qu'ils ou elles ont été abandonnés par leurs amantes ou amants (Pessoa, 2006, p. 62)⁴.

Ceci est-ce la France? Non, c'est un pauvre peuple.

L'épithète sera écrite sur son tombeau. La lapide sera faite des/ capes/ de ces livres et sur elle en des lettres de merde par la main du temps sera à peu près comme ça: Ci gît le peuple français. A fin de

³ A França está ela – horror! – nesse caso? Parece avançar a grandes passos nessa direção. Que a detenham nesse caminho. Que a retenham. Não se pode freá-la? Então, está tudo acabado. Para o bem geral, é necessário que ela pereça. De resto, o que faz no mundo uma raça sem alma, uma nação sem coração? Nada. Se, de fato, a França está em decadência (ela ou qualquer outro país que se encontre na mesma situação), eu, homem da humanidade, que compreendo até esse ponto a natureza, só tenho um desejo, triste e amargo: que o povo que lhe suceder venha rápido para esmagá-la. Brutal? Sem dúvida. Horrível? Muito horrível. Triste, amargo? É verdade. (Tradução nossa).

⁴ Há templos dedicados a histéricas e a prostitutas, pois são essas as deusas do povo francês. As estátuas possuem inúmeros amantes. Muitas pessoas são extremamente religiosas. A ciência transformou-se em uma investigação sexual. Existem professores especializados em aborto e infanticídio. Lê-se nos jornais que crianças de quatro anos cometeram suicídio após serem abandonadas por seus amantes. (Tradução nossa).

se faire un peuple de souteneus il n'a pas pu se soutenir (Pessoa, 2006, p. 72)⁵.

Em seu conjunto, tais textos cumpririam uma espécie de diagnóstico sobre os caminhos culturais francófonos, isto é, de que a “mania de exibição”, os valores investidos e a literatura *kitsch*, predominantes naquele país, seriam a amostra da decadência do Ocidente. Ainda está para serem feitos estudos na área da Imagologia Literária, capazes de delinear melhor a representação que Fernando Pessoa/Jean Seul de Méluret fazia da França no início do século XX. E se, em alguma medida, sua visão se transformou: afinal, os textos que abrangem a produção ensaística de Jean Seul de Méluret datam de 1907, época em que o jovem Fernando Pessoa tinha apenas 19 anos. Reportando-nos à contemporaneidade da cultura do cancelamento, certamente um adolescente com aquela idade dispõe-se a emitir julgamentos um tanto quanto reprováveis, se alojados nas ágoras públicas como as redes sociais.

A observação panorâmica sobre os textos intervencionistas de Fernando Pessoa e de seus heterônimos, embora revelem que o poeta português era interessado por diversos assuntos, mostram que o autor de *Cancioneiro* costuma se direcionar para a esfera literária quando busca emitir juízos críticos, sejam elogiosos, sejam execráveis. No caso, por exemplo, de “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (1912a), o adjetivo francês é sinônimo de mau gosto e, nesse sentido, quando diz que “nada mais francês do que Victor Hugo com a sua retórica, a sua pseudo-profundeza, a sua lucidez

⁵ Isto é a França? Não, é um povo miserável. A epígrafe será inscrita em seu túmulo. A lápide será composta pelas capas desses livros e, sobre ela, em letras de excremento, traçadas pela mão do tempo, ler-se-á algo semelhante a: “Aqui jaz o povo francês. Para fazer de si um povo de cafetões, não consegui sequer se sustentar.” (Tradução nossa).

epigramática em pleno seio do lirismo, onde não está bem” (Pessoa, 2000, p. 14), o nome Victor Hugo se instala como amostragem de um tipo de literatura reprovável, nos moldes da linha de raciocínio que o ensaio estabelece.

Em “Des Cas d’Exhibitionisme”, por sua vez, a insurgência está contra uma modalidade artística, isto é, contra certas apresentações teatrais dos *music halls* da *Belle Époque*, em que dançarinas seminuas se mostravam (e praticavam o tal do exibicionismo pervertido) (Fig. 2).

Figura 2 – Arlette Dorgère e Cora Laparcerie, as XXX, nos Bouffes Parisiens



Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Fonte: Lourdey (1911).

“La France em 1950” e “Messieurs les souteneurs” se aproximam, na medida em que buscam denunciar a proeminência de escritores que, segundo Méluet, corrompem a missão civilizacional da Litera-

tura: Victorien du Saussay (1868-1928)⁶, Jeanne de La Vaudère (1857-1908)⁷, Anatole France (1844-1924)⁸ e Théophile Gautier (1811-1872)⁹.

Citemos:

oui, le caractère le plus répugnant de ces oeuvres, c'est qu'elles sont terriblement bourgeoises. Un homme qui blasphème est religieux; l'irreligieux ne blasphème pas, il ne voit pas dans la religion une valeur quelque, et pourtant ne l'attaque en blasphémant. L'érotique perversi, l'hyperexcité sexuel sont très bour-

⁶ Victorien Du Saussay, pseudônimo de Eugène Lucien Victorien Triaureau, foi um romancista e jornalista francês, associado ao movimento decadentista. Suas obras exploravam temas passionais e sensuais. Frequentemente apresentavam títulos provocativos e ilustrados com fotografias de nus femininos, sem cair na obscenidade, aproveitando-se de um período mais liberal na sociedade francesa.

⁷ Jane de La Vaudère, pseudônimo de Jeanne Scrive, foi uma romancista, poetisa e dramaturga francesa. Destacou-se na literatura da *Belle Époque*, explorando temas relacionados ao naturalismo e ao movimento decadente. Sua obra é marcada por uma abordagem ousada e, por vezes, escandalosa para a época, impregnada de um erotismo marcante.

⁸ Anatole France foi um escritor, jornalista e crítico literário francês. Nascido François-Anatole Thibault, destacou-se na literatura da *Belle Époque* e foi laureado com o **Prêmio Nobel de Literatura em 1921**. Sua obra combina ceticismo, ironia e um estilo refinado, explorando temas históricos, sociais e filosóficos. É importante acrescentar que se trata de uma figura que aparece com relativa frequência nos textos ensaísticos de Pessoa, em que o tema decadentismo, em clave satírica (cf. "Ultimatum", de Álvaro de Campos), é versado.

⁹ Théophile Gautier foi um escritor, poeta, dramaturgo e crítico de arte francês, associado ao movimento romântico e precursor do parnasianismo. Inicialmente influenciado pelo romantismo, destacou-se por sua defesa da "arte pela arte", buscando a perfeição estética e a independência da arte em relação a valores morais ou utilitários. Além da literatura, Gautier foi um influente crítico de arte e apoiou o simbolismo e o impressionismo. Sua escrita, caracterizada por descrições detalhadas e um lirismo refinado, influenciou autores como Baudelaire e Mallarmé.

geois, parce que le caractère de perversi et d'hyperexcité n'élimine pas celui d'extérieur ou d'excitation sexuelle, et on sait que le bourgeois est essentiellement érotique. Épater le bourgeois? C'est le bourgeois qui s'épate à lui-même. Quel bon bourgeois que ce Théophile Gautier! (Pessoa, 2006, p. 82)¹⁰.

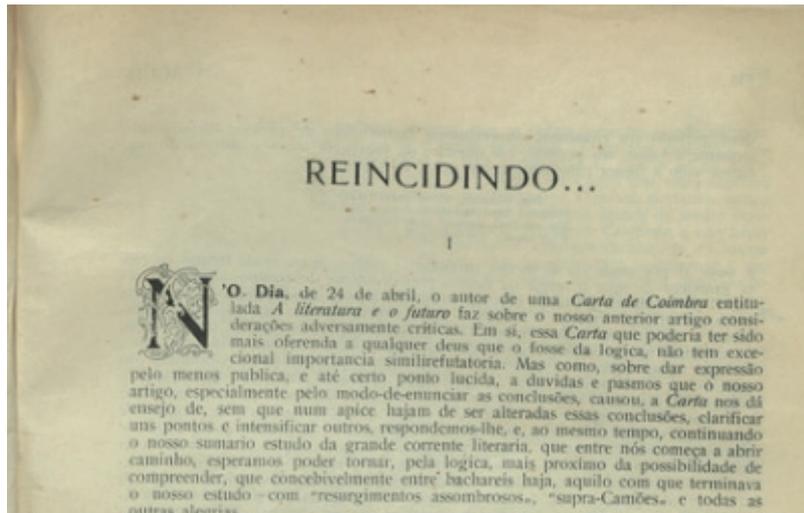
Nosso estudo trata de fenômenos de superfície, isto é, de interações mais ou menos evidentes entre textos, que, por sua vez, refletem o modo como as mentalidades (no caso, a de Fernando Pessoa) configuram imagens públicas de si. Conforme já apontamos, a cultura do cancelamento exige, em primeiro lugar, que posicionamentos sejam trazidos à tona, para, em seguida, opiniões e reações serem acopladas a eles como uma espécie de adereço, agigantando atitudes e falas condenáveis.

Os textos de Jean Seul de Méluret são instigantes enquanto detectores de matrizes de pensamento muito distintas entre si, o que, no nosso entendimento, complexifica bastante a rota do processo heteronímico: que Pessoa ortônimo talvez não pensasse dessa forma tão radical a cultura francesa é certo; mas outorgar ao heterônimo Méluret tais opiniões não poderia, a princípio, escandalizar quem levasse a sério o drama em gente. Voltemos, pois, ao Pessoa público, com então 24 anos, aquele que traz para si a responsabilidade de dialetizar as opiniões contrárias a si.

¹⁰ Sim, o traço mais repugnante dessas obras é que elas são terrivelmente burguesas. Um homem que blasfema é, de certo modo, religioso; o irreligioso, por sua vez, não blasfema, pois não percebe na religião qualquer valor e, portanto, não a ataca por meio do blasfêmico. O erótico perverso e o hipersexualizado são profundamente burgueses, uma vez que a perversão e a excitação exacerbada não eliminam a exterioridade nem a excitação sexual em si, e sabe-se que o burguês é, essencialmente, erótico. Chocar a burguesia? Ora, é a própria burguesia que se choca consigo mesma. Que burguês exemplar é esse Théophile Gautier! (Tradução nossa).

Em “Reincidindo...” (1912b) (Fig. 3), texto de maio de 1912, Pessoa responde a uma *Carta de Coimbra (A literatura e o futuro)*, anônima, publicada no jornal *O Dia* no mês anterior.

Figura 3 – Fac-símile da primeira página de “Reincidindo...”



Fonte: Pessoa (1912b).

Nessa epístola a que, infelizmente, não temos acesso, parece que houve uma reação carregada de “dúvidas e pasmos”, conforme explica Pessoa no primeiro parágrafo do referido texto-resposta. O autor de *Mensagem* faz, portanto, a princípio, uma *mea*-culpa, a saber, que não poderia ter desenvolvido bem o seu raciocínio em virtude da limitação material da publicação

[...] Em sete páginas não se pode claramente e completamente pôr uma argumentação analítica que, para ser rigidamente exaustiva, sem pressas que a carência de tempo, ou dogmatismos e axiomatismos que a escassez de espaço, impõe, tem de ser deixar estender, em plena liberdade, por uma quase-centena de páginas (Pessoa, 2000, p. 18).

Em seguida, pretendendo esclarecer as correlações entre a grandeza literária e o movimento social, Pessoa convoca o exemplo de Geoffrey Chaucer (c. 1340-1400) para explicar, *ipsis litteris*, que a “grandeza nacional” está no valor da figura literária. O que nos interessa, mais uma vez, é a listagem dos contraexemplos, ou seja, daquelas personalidades literárias que atestam uma “sobrevivência *vaga* do espírito”: Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), André Chénier (1762-1794), Alphonse de Lamartine (1790-1869), Victor Hugo (1802-1885), Alfred de Musset (1810-1857), Leconte de Lisle (1818-1894), Sully Prudhomme (1839-1907) e John Dryden (1631-1700) - Pessoa exclui Verlaine desta lista.

É incontestável que, no ensaio-réplica de Pessoa, há um longo excursus garantidor de minúcias sobre dados políticos para que ele possa fazer a passagem às duas teses fundamentais: 1) a de que o período político e o período literário coincidem; 2) a de que a originalidade, a grandeza dos poetas e a elevação do tom literário são elementos indispensáveis para distinguir os períodos literários. O sistema pessoano elaborado para defender o saudosismo português serve, contudo, como pressuposto para conduzir debilidades, por exemplo, ao simbolismo francês.

Não podemos ser, contudo, ingênuos: se, conforme Pessoa defende, os períodos literários e políticos alimentam-se reciprocamente, era conveniente o surgimento de um republicanismo um tanto quanto divergente daquele que estava diante dos seus olhos: “[...] A terceira conclusão é que o republicanismo que fará a glória da nossa terra e por quem novos elementos civilizacionais serão criados, não é o actual, desnacionalizado, idiota e corrupto, do tri-partido republicano” (Pessoa, 2000, p. 34)¹¹. É nessa seara, pois, que a polêmica, o

¹¹ Lembremos, aqui, que tanto José Barreto (2017) quanto Richard Zenith (2022) marcam que, em face do progressivo desapontamento de Pessoa pelos caminhos que tomava a Primeira República portuguesa, o poeta foi tomado por uma

linchamento e a iconoclastia, por meio de um homem só, fazem-se ouvir (dizemos que é por um homem só, mas é importante dizer que, ao ser publicado, Pessoa se torna porta-voz do próprio veículo de que faz parte). Os seus alvos são nítidos:

[...] De modo que é bom fixar isto, também: que, se ser monárquico é ser traidor à alma nacional, ser correligionário do sr. Afonso Costa¹², do sr. Brito Camacho¹³, ou do sr. António José de Almei-

retórica antidemocrática: “a crítica da ‘democracia moderna’ em Pessoa (o seu declarado tipo ideal de democracia era, anacronicamente, o da Grécia Antiga) estava maioritariamente relacionada com o profundo desencanto que manifestou pela Primeira República, governada quase sempre por um partido chamado Democrático que, na sua opinião, dominava oligarquicamente a mecânica eleitoral e impunha ao país um regime tirânico ou mesmo ‘totalitário’” (Barreto *apud* Pessoa, 2017, p. 23); “as ‘fezes da República’ era o epíteto de Pessoa para o partido republicano dominante - os chamados democráticos -, liderado por Afonso Costa, primeiro-ministro da nação desde janeiro de 1913. Em ‘Oligarquia das bestas’ e outros escritos, o poeta retratou Costa e seus camaradas como bandidos sem escrúpulos, cujo interesse era manter seu partido no poder. Era um juízo pesado demais” (Zenith, 2022, p. 394). Zenith, porém, anota que a complexidade e a originalidade de Pessoa foram condicionadas pelo surgimento da República e pelas mudanças que esta precipitou.

¹² Afonso Costa (1871-1937) foi um político, advogado e professor português, uma das figuras mais influentes da Primeira República Portuguesa (1910-1926). Líder do Partido Republicano Português, foi três vezes Presidente do Conselho de Ministros e promoveu reformas anticlericais, incluindo a Lei da Separação entre Igreja e Estado (1911). Defensor da participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, sua gestão foi marcada por instabilidade política. Exilou-se na França após o golpe militar de 1926 e morreu no exílio em 1937.

¹³ Brito Camacho (1862-1934) foi um político, escritor e jornalista português, uma das figuras destacadas da Primeira República Portuguesa (1910-1926). Fundador do Partido Unionista, desempenhou um papel ativo na luta republicana e foi Ministro do Fomento (1910-1911) no primeiro governo republicano. Além da política, destacou-se como jornalista, dirigindo o jornal *A Luta*, onde defendia suas ideias republicanas e anticlericais. Como escritor, publicou ensaios e

da¹⁴, assim como de vária horrorosa sub-gente sindicalística, socialística e outras coisas, representa paralela e equivalente traição (Pessoa, 2000, p. 34).

Não será, portanto, arriscado dizer que “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (1912a) e “Reincidindo...” (1912b) cumprem mais do que a mera defesa da poesia portuguesa da virada do século. Entre a profetização hedonista de um grande poeta, o “Supra-Camões”, análogo ao que brilha no fundo de suas referências, Shakespeare, há um jovem Pessoa, estudante, simultaneamente atônito e ansioso por participar timidamente da intelectualidade da época, o que significava tomar posicionamentos políticos. Fá-lo-á, disfarçadamente, por meio de uma engajada aproximação com o saudosismo de Teixeira de Pascoaes (1877-1952). E, como bem sabemos, à medida que o heteronimismo se intensificava, mais Pessoa se afastava do mestre da Renascença portuguesa.

CONSIDERAÇÕES

Para estabelecer este espaço de disputas, em que os ajuizamentos literários se mesclam aos posicionamentos políticos, o jovem Fernando Pessoa parece negociar as diretrizes do pacto social. Elas são,

crônicas sobre a realidade política de Portugal. Após o golpe militar de 1926, afastou-se da política e dedicou-se à escrita até sua morte em 1934.

¹⁴ António José de Almeida (1866-1929) foi um político, médico e jornalista português, um dos líderes da Primeira República Portuguesa (1910-1926). Fundador do Partido Evolucionista, destacou-se por seu discurso moderado e conciliador. Foi Ministro do Interior (1910-1911) e, posteriormente, Presidente da República (1919-1923), sendo o único chefe de Estado republicano a cumprir integralmente seu mandato. Defensor da participação de Portugal na Primeira Guerra Mundial, enfrentou crises políticas e sociais durante sua presidência. Após deixar o cargo, afastou-se da vida política, dedicando-se à escrita até sua morte em 1929.

passo a passo, enunciadas: desde a formulação das teses presentes em “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (1912a), passando pela reação da *Carta de Coimbra* até a exaustiva tréplica em “Reincidindo...” (1912b). Assim como se opera na cultura do cancelamento, as cláusulas do contrato social são, por Pessoa, gradativamente violadas: o indivíduo procura reclamar para si as liberdades ditas naturais, permitindo-se reconfigurar constructos analíticos, sem qualquer seguridade ou respaldo alheio.

Jean Seul de Méluret é o exemplo inédito (porque não fora publicado por Pessoa em vida) dessa natureza dúplice do ensaísmo pessoano. Os seus descontentes são amalgamados num único plano imagético: ora são alguns escritores-jornalistas, ora o entretenimento emergente da *Belle Époque*, ora a nação francesa em si, todos, segundo Méluret, culpados pela decadência do Ocidente. Rer o heterônimo Méluret numa época em que frequentemente cresce a intolerância contra imigrantes e estrangeiros nos faz recordar de que, à despeito de qualquer projeto humanista, aquele que se insinua excludente provavelmente seria objeto de discussão, de desmantelamento, de revisão.

Quanto ao jovem Fernando Pessoa, vê-se que o entusiasmo pela Renascença Portuguesa angaria também uma retórica polemista. O adolescente de 19 anos, ainda envolvido nas descobertas heteronímicas, administrava seu encantamento com o florescimento de um grupo de intelectuais e poetas, com destaque a Teixeira de Pascoaes e Leonardo Coimbra (1883-1936). No espaço público de *A Águia*, Pessoa chama para si a responsabilidade de defender seus correligionários, já cogitando a peleja em duas frentes: contra aqueles que viam com maus olhos o saudosismo e contra o débil republicanismo bastante afastado dos ideais políticos pessoanos.

RECEBIDO: 31/01/2025

APROVADO: 25/05/2025

REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico Lisboa: Difel, 1989.
- HOMERO. *Iliada*. Tradução de Trajano Vieira. São Paulo: Editora 34, 2020.
- LOURDEY, Maurice. Arlette Dorgère et Cora Laparcerie, les XXX, aux Bouffes Parisiens. França, 1911. 1 desenho. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b53168242d?rk=579402;o>. Acesso em: 24 jan. 2025.
- PESSOA, Fernando. 136 pessoas de Pessoa. Edição de Jerónimo Pizarro e Patricio Ferrari. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017.
- PESSOA, Fernando. A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada. *A Águia*, Porto, 2. série, v. 1, n. 4, p. 101-107, abr. 1912a. Disponível em: https://www.pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_A_Nova_Poesia_Portuguesa_Sociologicamente_Considerada. Acesso em 24 jan. 2025.
- PESSOA, Fernando. *Cartas entre Fernando Pessoa e os directores da Presença*. Edição de Enrico Martines. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1998.
- PESSOA, Fernando. *Crítica: ensaios, artigos e entrevistas*. Edição de Fernando Cabral Martins. Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- PESSOA, Fernando. *Obras de Jean Seul de Méluret*. Edição de Rita Patrício e Jerônimo Pizarro. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2006.
- PESSOA, Fernando. Reincidindo... *A Águia*, Porto, 2. série, v. 1, n. 5, p. 137-144, maio 1912b. Disponível em: https://www.pessoadigital.pt/pt/pub/Pessoa_Reincidindo. Acesso em 24 jan. 2025.
- PESSOA, Fernando. *Sobre o fascismo, a ditadura portuguesa e Salazar*. Edição de José Barreto. Rio de Janeiro: Tinta-da-china Brasil, 2017.
- POLÍBIO. *História pragmática*, livros I a V. São Paulo: Perspectiva, 2016.
- SILVA, Alessandro da. “Cultura do cancelamento: cancelar para mudar? Eis a questão. *Revista Argentina de Investigación Narrativa*, v. 1, n. 1, p. 93-107, 30 jan. 2021. Disponível em: <https://fh.mdp.edu.ar/revistas/index.php/rain/article/view/4862>. Acesso em 24 jan. 2025.
- SOUSA, João Rui de. *Fotobibliografia de Fernando Pessoa (1902-1935)*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: EdUnB, 2001.

ZARPELON, Fernando. *Imaginário e cultura de cancelamento: o “mito” e a “#elenão”*. 2021. Monografia (Pós-graduação em Semiótica Psicanalítica: Clínica da Cultura) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

ZENITH, Richard. *Pessoa: uma biografia*. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2022 [2021].

MINICURRÍCULO

MARCELO ALVES DA SILVA é professor de Língua Portuguesa/Incentivo à Leitura e Produção de Textos (ILPT) - Anos Finais - da Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu (2024-) e de Língua Portuguesa - Anos Finais - da Prefeitura Municipal de Petrópolis (2023-). Doutor em Literatura Portuguesa com a tese “Álvaro de Campos, um destino à Ilíada” (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2024). Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UERJ, 2019) com a dissertação “Caeiro-ângulos-Homero”. Especialista em Literaturas Portuguesa e Africanas contemporâneas (UFRJ, 2017). É pesquisador da Cátedra Jorge de Sena para Estudos Luso-Afro-Brasileiros (UFRJ). Áreas de investigação: Modernismo português; Fernando Pessoa; Grécia Antiga; Épica homérica; Teoria Crítica.